

Jazz

15 de setembro 2012

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Lotte Anker, Fred Frith, Ikue Mori

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

© Miriam Nielsen



© Chippy



Saxofones Lotte Anker Guitarra Fred Frith Eletrónica Ikue Mori

What River Redux

São vários os trios em que detetamos as presenças de Lotte Anker, Fred Frith e Ikue Mori. Para além do que agora se apresenta em Lisboa, com os três a fazem o pleno das articulações já experimentadas, são de registar os de Anker e Mori com Steve Noble e com Sylvie Courvoisier e o de Frith e Mori com Zeena Parkins. Também de assinalar o de Mori com Courvoisier e Susie Ibarra e o de Frith com Parkins e o desaparecido Tom Cora. Se esta é a segunda vez que tocam ao vivo (a primeira foi há um par de anos no Copenhagen Jazzfestival), os mesmos intervenientes fazem parte do What River Ensemble, constituindo como que uma versão “redux” deste...

«Sim, tenho trabalhado em diversas constelações com a Ikue e com o Fred – admite Lotte Anker –, e mantenho até duos com cada um deles. Perguntas-me se gosto especialmente do formato trio? Bom, estou envolvida em bandas com

diversos tamanhos e interessam-me mais as pessoas do que as combinações instrumentais, mas sim, acho que o trio tem uma dinâmica particular.»

E o que define esta? Avança Frith: «Não haver regras. Encontramo-nos e tocamos. É uma conversa entre nós. Nada é planeado por antecipação ao momento em que vamos para o palco.»

Ora, acontece que este grupo reúne artistas com semelhantes perfis: todos eles se caracterizam por atravessar várias linguagens musicais, entre o rock, a folk, o jazz, a *new music* americana e a música clássica contemporânea da Europa. De recordar as origens de Fred Frith na frente Rock in Opposition da Grã-Bretanha, em formações como Henry Cow e Art Bears, e o arranque de Mori na corrente *no wave* nova-iorquina com os DNA, banda pioneira do *noise* em que também se revelou Arto Lindsay...

Nesse sentido, se adotam as metodologias da livre-improvisação, não é aquilo a que se chama “música não-

-idiomática” o que praticam, tal como esta foi definida por Derek Bailey, mas um trans-idiomatismo que ignora as “casas” formais para aproveitar os conteúdos técnicos e de léxico das adoções tipológicas realizadas.

Frith prefere manter-se ao largo de quaisquer rótulos: «Tendo a resistir aos “ismos” de qualquer tipo. Não penso em “idiomas” enquanto estou a tocar, e mesmo quando componho. Gera-se material e tenta-se que este faça sentido. Os materiais provêm do que somos e daquilo que vivemos. E para todos os efeitos vivemos numa era em que todas as músicas estão igualmente acessíveis. Já era assim quando eu era adolescente na década de 1960 e hoje tal é mais verdadeiro do que nunca. Não é de todo surpreendente que se possa ouvir diferentes nucleótidos no ADN do que fazemos...»

O do jazz é o mais identificável por parte da saxofonista dinamarquesa, que frequentou *workshops* de John Tchicai, Joe Henderson, David Liebman e David Murray e estudou composição com Bob Brookmeyer. «Até aos meus vinte e tal anos estive mais ligada ao jazz do que estou agora. Simplesmente, ligava o saxofone ao género. Ao mesmo tempo estava interessada na improvisação livre e para esse interesse foi decisivo o meu primeiro professor, John Tchicai. Calhou estudar com Brookmeyer porque era o principal professor de composição no New England Jazz Conservatory e descobri que esta figura história do jazz americano tinha um grande conhecimento da obra de compositores contemporâneos como

John Cage, Morton Feldman e Earle Brown. De resto, estava aberto a muitas das nossas experimentações», explica Anker.

«O certo é que me fui afastando cada vez mais do jazz. Sentia que o jazz escandinavo tinha congelado em torno de clichés e hábitos estilísticos e quis fugir a isso. Por outro lado, através da improvisação livre achei que poderia ligar-me ao meu gosto inicial pela música erudita», acrescenta aquela que, com Ingrid Laubrock, representa uma nova vaga de grandes sopradoras.

O trajeto de Fred Frith a partir da folk britânica teve várias frentes, fosse tocando violino em orquestras clássicas juvenis, cantando no coro da igreja e ingressando em bandas escolares de R&B. O agora professor de improvisação no californiano Mills College não acredita que tenha havido um momento de viragem na sua vida... «Não há viragens. A história não é uma sequência em que algo dá lugar a outro algo. Estou constantemente a ouvir coisas que me interessam e isso afeta o que criarei a seguir. Sempre tive muitos tipos de atividade musical e estes vão-se sobrepondo. Não me considero como “vanguarda”, nem sei exatamente o que essa palavra significa hoje. Gosto apenas de experimentar soluções e considero que o mais importante é fazer música que seja viva e pessoal.»

Para Ikue Mori a questão colocou-se de maneira distinta. Quando emigrou do Japão para Nova Iorque ainda mal tocava. Iniciou-se na bateria precisamente quando o projeto DNA arrancou: foi inventando a música à medida que

a aprendeu, mudando depois para as *drum machines* que definiram a sua sonoridade muito própria e finalmente para o *laptop*, num caso como no outro «procurando ter uma abordagem instrumental da eletrónica». A sua maior compreensão do experimentalismo musical foi-lhe proporcionada por John Zorn, que conheceu no início dos anos 1980...

O facto de ser uma das pouquíssimas saxofonistas atualmente em atividade não ocupa muito o pensamento de Lotte Anker, mas esta reconhece que se trata de uma questão política deveras importante. «Aliás, o número de estudantes femininas de jazz, improvisação e rock diminuiu muito nos últimos anos em Copenhaga. O que é triste. Por isso mesmo, tenho estado envolvida em projetos e seminários que discutem os motivos desse abaixamento do interesse das jovens mulheres por estas músicas e procuram soluções para o problema...»

Enquadrada entre a sua formação jazzística e a influência clássica, Anker coloca do lado da segunda a caracterização electroacústica deste trio em que os seus saxofones interagem com a guitarra elétrica de Fred Frith e o computador de Ikue Mori: «Sim, podemos dizer que pertencemos a essa categoria. Ou pelo menos que nos referenciamos nela. Mas como o aspeto improvisacional da nossa música é o mais importante, diria que se trata de “improvisação electroacústica”.»

Improvisação enquanto forma de composição, assinala-se. Fred Frith: «Enquanto tal, envolve uma organização dos sons que na altura parecia fazer

sentido. É a intuição que nos ajuda a tomar boas decisões em conjunto e a mantermo-nos abertos a tudo o mais que acontece. Este não é um conceito estático; muda constantemente, dependendo de onde estamos e com quem estamos a tocar.»

Sobre outro trio de que é a voz solista, o que partilha com Craig Taborn e Gerald Cleaver, observou Anker em entrevista que «explora os lados selvagens, poéticos, bizarros, inesperados e hipnóticos da comunicação musical», mas a mesma ideia tem sobre a presente célula de criação... Vamos agora ter a oportunidade de o confirmar.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista jazz.pt

Lotte Anker saxofones

Nasceu em 1958 na cidade de Copenhaga e estudou na universidade local, onde teve oportunidade de frequentar cursos e *workshops* de figuras cimeiras do jazz como Bob Brookmeyer, Joe Henderson, Dave Liebman, John Tchicai e David Murray. Depois de um auspicioso início de carreira com Mette Petersen e Nils-Peter Molvaer, surgiu como colíder (com Ture Larsen) do Copenhagen Art Ensemble, uma *big band* de 12 elementos que apresentou projetos com, por exemplo, Django Bates e Marc Ducret. Depois, vieram as suas muitas colaborações com Marilyn Crispell e Marilyn Mazur e emparelhamentos com a nata da música criativa, de Sylvie Courvoisier, Tom Rainey e

Miya Masaoka a Michael Formanek, Benoît Delbecq e Arve Henriksen. Em paralelo, compõe para dança e teatro, é um dos responsáveis da editora discográfica Ilk e ensina composição, arranjo e improvisação no seu país e na Suécia.

Fred Frith guitarra

Um pioneiro em diversas frentes da música de hoje, nasceu em Heathfield, Sussex, no ano de 1949. Começou a fazer estudos de violino aos 5 anos de idade e mudou para a guitarra aos 13 por influência do grupo pop The Shadows. Os blues chamaram-lhe a atenção muito em particular, mas também se interessou pela folk, pelo *ragtime*, pelo flamenco e pelos cordofones dedilhados do Leste europeu, da Índia, do Japão e da Indonésia. Entrou na Cambridge University em 1967 e foi então que conheceu as músicas e os pensamentos de John Cage e Frank Zappa. Um ano apenas depois, fundou com Tim Hodgkinson a banda de art rock Henry Cow, depressa esta se tornando num dos representantes maiores do muito politizado movimento Rock in Opposition. Passou por formações como Art Bears e Skeleton Crew, mas foi o seu álbum *Guitar Solos*, de 1974, que firmou o seu nome como um dos grandes inovadores da guitarra, ao lado de Derek Bailey. Tocou mais tarde nos Naked City de John Zorn, o que lhe trouxe ainda mais fama. É professor de improvisação no californiano Mills College.

Ikue Mori eletrónica

Não gosta de dizer em que ano nasceu. Para ela, a história começa quando se

mudou de Tóquio para Nova Iorque em 1977. Na altura, era baterista, tendo formado com Arto Lindsay e Tim Wright a banda de *no wave* (tendência que misturava o punk com a música experimental) DNA. Os ritmos quebrados e as dissonâncias guitarrísticas do grupo tornaram-no um objeto de culto entre os jovens nova-iorquinos. Na década de 1980 trocou a bateria pelas *drum machines* e virou-se para os meios da improvisação, ao lado de figuras como John Zorn, Mike Patton (o mesmo dos grupos de rock Faith No More, Mr. Bungle e Fantômas), Kato Hideki, Butch Morris, Thurston Moore (Sonic Youth), Dave Douglas e Fred Frith, este um parceiro recorrente. Mais tarde, nova mudança de instrumento, passando a utilizar um *laptop* munido de uma maior base de sons. Integra os projetos Mephista, com Sylvie Courvoisier e Susie Ibarra, Phantom Orchard, com Zeena Parkins, e Kibyoshi, com Koichi Makigami e Mark Nauseef. Em 1999, ganhou aquele que é considerado o mais importante prémio da música eletrónica, o Distinctive Award da alemã Ars Electronics.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Cadavre Exquis

Cadáver Esquisito
de Kassys em colaboração
com Nature Theater of
Oklahoma, Tim Crouch
e Nicole Beutler

Teatro de qui 20 a dom 23 setembro
Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom
às 17h) · Duração: 1h20 · M12



© Mette van der Sijs

Encenadores Liesbeth Gritter (Kassys), Pavol Liška & Kelly Copper (Nature Theater of Oklahoma), Tim Crouch e Nicole Beutler (nb projects) **Intérpretes** Esther Snelder, Hannah Ringham, Jarid Rychtarik e Bas van Rijnsoever **Coordenação e assistência artística** Mette van der Sijs **Desenho de luz e técnica** Adriaan Beukema

Um *cadáver exquisito* é um jogo coletivo surrealista. Por exemplo: o primeiro autor escreve um verso num papel; depois dobra-o de forma a que só fique visível a última palavra; o segundo escritor continua (vai ser conduzido, ou não, por aquela última palavra); segue-se o terceiro escritor, etc.

Cadavre Exquis é uma experiência levada a cabo por quatro criadores: Kassys, Nature Theater of Oklahoma, Tim Crouch e Nicole Beutler. Foi criado como uma estafeta performativa: uma passagem de testemunho com limitações estritas. Usando sempre

os mesmos quatro *performers*, cada companhia trabalhou durante duas semanas e criou aproximadamente quinze minutos da peça como resposta a ter testemunhado apenas os 60 segundos finais dos quinze minutos criados pela equipa anterior.

Kassys é uma companhia holandesa que apresentou *LIGA – 50% Reward 50% Punishment* em 2010 na Culturgest; os nova-iorquinos Nature Theater of Oklahoma têm sido presença regular em Lisboa (Teatro Maria Matos e Alcantara festival), com peças como *No Dice* e os dois primeiros episódios de *Life and Times*; o britânico Tim Crouch também é já conhecido do público lisboeta (*England* e *The Author* foram os últimos espetáculos seus vistos na Culturgest); de Nicole Beutler, coreógrafa alemã que trabalha em Amesterdão, podem destacar-se as peças *1: Songs*, *2: Dialogue with Lucinda* e *3: The Garden*.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca estagiária

M^ª Rita Martins estagiária

Marta Ochôa estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
